

Vozes Camponesas

Informativo da LEdoC (*Campus Bom Jesus*)

*Uma cabeça bem-feita vale
mais que uma cabeça cheia*

(Michel de Montaigne)

Atividades de ensino, extensão e pesquisa da Educação do Campo do *Campus* Professora Cinobelina Elvas (CPCE)

DOCENTES E DISCENTES PARTICIPAM DA REUNIÃO AMPLIADA DO FONEC (Fórum Nacional de Educação do Campo)

Discentes (cinco) e docentes (dois) da LEDOC/CPCE estiveram presentes na Reunião Ampliada do Fórum Nacional de Educação do Campo, realizada no período de 10 a 12 de abril, na sede da CONTAG, em Brasília. O Fórum é composto por representantes de universidades de todo o Brasil, sindicatos, MST e algumas organizações de defesa das escolas do campo, tendo por objetivo discutir as ações de territorialização da Educação do Campo no Brasil, com ênfase na pedagogia da alternância, debatendo as matrizes curriculares, bem como os desafios enfrentados para a consolidação da Educação do Campo no Brasil como prática de liberdade e da emancipação humana.



A reunião foi composta por momentos de análise de conjuntura, evidenciando a crise acentuada do capitalismo e a correlação de forças fomentadas pelo neoliberalismo e conservadorismo. Debateu-se nesse contexto a necessidade da construção de uma contra hegemonia a partir de um padrão sócio-político cultural capaz de compreender as contradições da realidade e fortalecer as lutas sociais. Na sequência, amplo espaço de discussão acerca da materialização da Educação do Campo no âmbito das políticas públicas e sobre os desafios do financiamento público para Educação, ante o projeto neoliberal em curso. Houve, ainda, a sistematização por regiões dos coletivos de Educação do Campo presentes, encaminhando questões como a formação dos professores que atuam na LEDOC a partir da articulação dos fóruns estaduais; diminuir o distanciamento (descentralização) das entidades (fóruns, comitês,

movimentos) de Educação do Campo no Brasil; fortalecimento da alternância para manter prática e teoria; organização interna das entidades para realização de concurso público a nível municipal e estadual, visando a atuação dos egressos, dentre outros.



Do ponto de vista da articulação, mencionou-se a indispensabilidade de se pensar a auto-organização e estabelecer um vínculo orgânico entre os tempos-espacos educativos da Educação do Campo, a partir de um projeto agroecológico de intencionalidade de formação educativa para que haja um saldo organizativo de educação política. Desse modo a diversidade dos modos de vida e vinculação com os territórios é fundamental para se construir um projeto camponês.

IV Mostra Terra em Cena e na Tela demonstra a força do teatro e do cinema em tempos de barbárie

Entre os dias 9 e 11 de maio de 2019 aconteceu na cidade de Bom Jesus, no extremo sul do Piauí, a IV Mostra Terra em Cena e na Tela, articulada por meio da parceria entre grupos de pesquisa e extensão da Universidade de Brasília (UnB) ó Terra em Cena - e da Universidade Federal do Piauí (UFPI) ó Cenas Camponesas e Nagu (Núcleo de Agroecologia do Vale do Gurguéia).

A atividade reuniu cerca de quatrocentas pessoas no decorrer dos três dias, em diversas atividades: mesas temáticas, oficinas de teatro e cinema, apresentação de peças e filmes, debate com os realizadores, noites culturais, além de diversos momentos de integração e intercâmbio que emergiram espontaneamente no encontro.



As três primeiras Mostras ocorreram na Universidade de Brasília (campus Planaltina), nos anos 2013, 2017 e 2018, como momento culminante das atividades do programa de extensão e grupo de pesquisa Terra em Cena. A partir da III Mostra recebemos como convidado o Cenas Camponesas, um grupo de teatro criado pela professora Kelci Anne Pereira, com estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (Ledoc) da UFPI, da área de habilitação em Ciências Humanas e Sociais. Na avaliação da III Mostra decidimos fortalecer e expandir a relação entre universidade, movimentos sociais e grupos de teatro e audiovisual formados pelos ou com os estudantes das Licenciaturas em Educação do Campo da UnB e da UFPI. Um dos encaminhamentos foi descentralizar a Mostra, realizando a quarta edição no Nordeste brasileiro, em Bom Jesus.

A coordenação do encontro na UFPI foi composta pelo grupo de teatro Cenas Camponesas, pelo Núcleo de extensão em arte e agroecologia Nagu, por professores/as da Ledoc-UFPI, Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), sendo a primeira vez que os últimos dois grupos se somam na construção e participação da Mostra. A presença dos estudantes da UFPI foi bastante diversificada, com muitos estudantes de outros cursos participando de vários espaços do evento.



A delegação que saiu de Brasília foi composta por professores da Ledoc da UnB, por professores da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, cursistas do programa Escola da Terra, ofertado pela UnB em parceria com a SEDF e com o MEC, e por integrantes de três dos elencos do programa Terra em Cena: o Vozes do Sertão Lutando Por Transformação (VSLT), que apresentou a peça *Se há tanta riqueza por que somos pobres?*, o *Arte Kalunga Matecö*, da comunidade Engenho II do quilombo Kalunga em Cavalcante, e o elenco da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal. Além disso,



estiveram presentes os cineastas Adirley Queirós e Joana Pimenta, do Ceicine, e a documentarista e professora aposentada da Faculdade de Comunicação da UnB, Dácia Ibiapina. Ambos apresentaram filmes premiados em diversos festivais: *A cidade é uma*

só?, de Adirley Queirós, e *Carneiro de Ouro*, de Dácia Ibiapina. A produção de Dácia aborda o trabalho dos cineastas da cidade de Picos (PI), em particular a obra de Dedé Rodrigues, o qual também esteve presente no evento, exibindo o filme *O sanfoneiro tocou no inferno*. Os filmes destes diretores, bem como de jovens ligados à CPT, foram debatidos por docentes da Ledoc/Bom Jesus.

A produção teatral apresentada deu mostra da vitalidade e da necessidade do teatro político nos tempos atuais. O Coletivo Cenas Camponesas estreiou a segunda peça de seu repertório, abordando o confronto entre os modos de produção camponês e do agronegócio no

campo brasileiro, a partir de livre adaptação da peça *Os Posseiros e Fazendeiros*, construída em 2004 pelo grupo do MST Filhos da Mãe..Terra (SP), como exercício de adaptação de Horácios e Curiácios, de Bertolt Brecht. Em cena foi apresentado um projeto de pesquisa de grande complexidade: evidenciar as relações entre o ciclo de ditaduras latino-americanas da década de 1960 do século passado com o modelo do agronegócio, iniciado décadas antes por meio da Revolução Verde. O público se deparou com dados, imagens, cenas alegóricas, momentos de mística, num ato estético e pedagógico que demonstra a consciência do direito à cultura e a arte, por parte dos povos e educadores/as do campo.

Com a mesma peça em cartaz há dois anos, o VSLT apresentou uma versão da narrativa construída coletivamente, na qual se observa o aprofundamento da pesquisa corporal e musical desenvolvida pelo grupo, cada vez mais consciente das raízes históricas e estéticas afro-descendentes que representam. Recorrendo à estrutura rítmica ditada pelo atabaque, os corpos encenam poemas de Drummond mesclados a formas clássicas do teatro político, gerando uma atmosfera poética e política que envolveu o público, sobretudo, quando os recursos do teatro tribunal foram acessados. A peça chega no ponto alto no momento em que o elenco desce do palco e os atores se misturam com a plateia, transformando a cena em grande assembleia em que debatem os rumos da mineração na região da Chapada dos Veadeiros.

A terceira peça, da brigada de agitprop Marisa Letícia, do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) do Piauí, abordou a Reforma da Previdência, a partir da estrutura formal do teatro de agitprop, com bases coreográficas e coros bem demarcados, conforme permitem as condições objetivas do teatro feito na rua e para o povo. A fatura do conjunto das três obras é de que existe um campo bastante fértil para a expansão do teatro político, sobretudo, quando os grupos encaram suas funções como multiplicadores, formando mais grupos pelas comunidades, escolas e organizações por onde passam, ampliando dessa forma a capacidade de auto-representação da classe trabalhadora.



Nesse sentido, as oficinas de teatro e cinema se apresentaram como momentos relevantes de formação, colaborando para que os coletivos e movimentos envolvidos na Mostra se apropriassem um pouco mais dos meios de produção artísticos, como armas indispensáveis na luta cultural contra a barbárie, que marca a condução política do país. Teatro do Oprimido, com ênfase na coringagem, Teatro Épico, com foco no coro, teatro de agitação e propaganda, uso do celular para a elaboração de documentários e a produção cinematográfica contra hegemônicas foram temas abordados nas oficinas, se forjaram também como espaços de debate sobre as peças e filmes assistidos anteriormente.

O seminário ãarte, educação e direitos humanosö, que abriu a Mostra animado pelas exposições e análises da professora Pâmela Peregrino (UFSP) e do professor Rafael Villas Bôas (UnB), colocou questões centrais para o evento e seus desdobramentos futuros.

Uma delas é que o esforço artístico dos coletivos da rede Terra em Cena deve voltar-se não só para a elucidação, no conteúdo, do desmonte democrático sob a égide fascista, que marca a conjuntura nacional com efeitos regressivos de largo alcance na estrutura de direitos do povo. É necessário que a lucidez na análise política se reverta em força poética, que a estrutura formal das produções potencialize o estudo e a historicidade dos temas abordados. Temos a tarefa de imaginar e realizar coletivamente obras que, por um lado, desconstruam ó em seu processo, conteúdo e resultado estético ó os padrões burgueses, e que, por outro lado, mobilizem o público a percorrer rotas sensíveis mais humanistas na percepção da narrativa do

real e da condição humana em nosso tempo. E todo esse potencial formativo se completa com a circulação das obras: elas precisam ser cada vez mais apresentadas e debatidas abertamente em espaços populares, nas escolas, juntos aos



sindicatos e movimentos como o testemunho do trabalho desalienado na arte e da ação agregadora que ela pode gerar. Essa intencionalidade e alcance social, ao serem buscados pelos coletivos da Rede, é que formam *olink* entre os trabalhadores em cena e os trabalhadores na plateia, e podem fermentar a resistência à barbárie, mobilizar o pertencimento a uma classe que se autodetermina e representa, no palco, nas ruas, na vida, na política.

Kelci Anne Pereira, Rafael Villas Bôas, Caroline Gomide e Eliene Novaes.
Professora da Ledoc da UFPI/Bom Jesus e professores da Ledoc da UnB.
Integrantes do Programa de Extensão e grupo de pesquisa Terra em Cena.

Equipe de Comunicação e Cultura da LEdoC.

Campus Professora Cinobelina Elvas/UFPI
Bom Jesus, Piauí